



VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Tipos de violência, formas de enfrentamento e principais desafios

DEFINIÇÃO

- “Qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada” (Capítulo I, Artigo 1º, Convenção de Belém do Pará)

TIPOS DE VIOLÊNCIA

- Violência física – ação ou omissão que coloque em risco ou cause dano à integridade física de uma pessoa.
- Violência institucional – tipo de violência motivada por desigualdades (de gênero, étnico-raciais, econômicas etc.) predominantes em diferentes sociedades. Essas desigualdades se formalizam e institucionalizam nas diferentes organizações privadas e aparelhos estatais, como também nos diferentes grupos que constituem essas sociedades.
- Violência moral – ação destinada a caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação da mulher.

- Violência patrimonial – ato de violência que implique dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, bens e valores.
- Violência psicológica – ação ou omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoal.

- Violência doméstica – quando ocorre em casa, no ambiente doméstico, ou em uma relação de familiaridade, afetividade ou coabitação. São formas de violência doméstica e familiar a (I) física, (II) psicológica, (III) sexual, (IV) patrimonial e (V) moral.
- Violência política de gênero - a agressão física, psicológica, econômica, simbólica ou sexual contra a mulher, com a finalidade de impedir ou restringir o acesso e exercício de funções públicas e/ou induzi-la a tomar decisões contrárias à sua vontade

- Violência sexual – ação que obriga uma pessoa a manter contato sexual, físico ou verbal, ou a participar de outras relações sexuais com uso da força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal. Considera-se como violência sexual também o fato de o agressor obrigar a vítima a realizar alguns desses atos com terceiros. São formas dessa violência o estupro, o assédio sexual, ato obsceno e a importunação sexual.

ALGUNS DADOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

- No primeiro semestre de 2022, 699 mulheres foram vítimas de feminicídio, média de 4 mulheres por dia. Este número é 3,2% mais elevado que o total de mortes registrado no primeiro semestre de 2021, quando 677 mulheres foram assassinadas. Em relação ao primeiro semestre de 2019, o crescimento no mesmo período de 2022 foi de 10,8%, apontando para a necessária e urgente priorização de políticas públicas de prevenção e enfrentamento à violência de gênero (fonte:

Fonte: "Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2022 - Fórum Brasileiro de Segurança Pública

- Os registros de estupro e estupro de vulnerável de vítimas do sexo feminino apresentaram crescimento de 12,5% no primeiro semestre de 2022 em relação ao primeiro semestre de 2021, totalizando 29.285 vítimas. Isso significa que entre janeiro e junho deste ano ocorreu um estupro de menina ou mulher a cada 9 minutos no Brasil.

Fonte: "Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2022 - Fórum Brasileiro de Segurança Pública

DADOS SOBRE ASSÉDIO NO BRASIL

- 97% das mulheres afirmaram já ter sido vítimas de assédio em meios de transporte e 71% conhecem alguma mulher que já sofreu assédio em público. (Pesquisa "*Segurança das mulheres no transporte*", Instituto Patrícia Galvão/Locomotiva, 2019").
- 67% das mulheres relataram haver sofrido algum tipo de agressão sexual, psicológica, moral ou física por parte de homens em uma instituição de ensino superior. Já 56% confirmaram assédio por parte de professores, estudantes e técnicos administrativos, enquanto 36% admitiram deixar de participar de atividades na universidade por medo da violência. (Pesquisa "*Violência contra a mulher no ambiente universitário*", Data Popular/Instituto Avon, 2015).

53% das brasileiras com idade entre 14 e 21 anos convivem diariamente com medo de ser assediadas. (Fonte: ActionAid, 2019)

O QUE LEVA À ESSA VIOLÊNCIA?

- O machismo estruturante é a *grande causa* dessa violência, não há dúvidas, e por isso a urgência em combatê-lo. Vivemos numa sociedade patriarcal e machista, onde as pessoas naturalizam a violência contra mulher.
- No dia a dia, em pequenos atos, mulheres são vítimas de violência, discriminação e discursos de ódio apenas pelo fato de serem mulheres. São tidas como seres organicamente submissos, para além de serem extremamente sexualizadas, e desde a infância.

- É comum que meninas tenham tarefas domésticas diferenciadas de meninos numa mesma família; é comum que mulheres, mesmo em cargos de poder, sejam assediadas da forma que homens não são; é considerado “normal” que um homem sinta ciúmes de sua mulher e impeça determinadas condutas (é até entendido como “cuidado” e “proteção”); é comum que vítimas de violência sejam questionadas nas suas atitudes quando, na verdade, são vítimas.
- A questão é tão complexa e tão profundamente enraizada na sociedade brasileira, que levaremos décadas e décadas de desconstrução de rígidos estereótipos de gênero para formar uma sociedade mais equânime para homens e mulheres, sendo esse um dos grandes desafios para o desenvolvimento sustentável do planeta.

CULTURA MACHISTA

- Essa é a cultura que reproduz o discurso estereotipado de que "loira é burra", que "um tapinha não dói", que "Amélia que era mulher de verdade", que "lugar de mulher é na cozinha", que "em briga de marido e mulher ninguém mete a colher", que devemos "guardar as cabritas pois o bode está solto".
- Quem não se lembra do "Bela, recatada e do lar"? Essa cultura nos impõe o papel de donas de casa e mães, nos confina aos ambientes domésticos. E qualquer tentativa de sairmos desse papel é recriminada pela sociedade.

- Essa mesma cultura que defende que "mulheres devem ganhar menos", afinal, são "mais fracas", "engravidam", "faltam para cuidar dos filhos".
- Ela que incentiva essa eterna colocação em dúvida da nossa capacidade pelos simples fato de sermos mulheres.
- E as mulheres mães? Essa mesma sociedade machista espera que trabalhem como se não tivéssemos filhos, e sejamos mães como se não trabalhássemos. Essa conta não fecha!

MECANISMOS DE COMBATE E PREVENÇÃO

- A medida mais efetiva no combate à violência contra a mulher ainda é acionar o sistema de justiça. Buscar medidas protetivas e apoio estatal para cessar violências, responsabilizar agressores, conseguir sair de relações violentas e abusivas.
- No entanto, *melhor que combater é prevenir*, através, p. ex., de uma educação que busque a equidade de gênero, auxiliando na desconstrução dos estereótipos, visando acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em todos os lugares, seja nos espaços públicos ou privados.
- Mas é só? NÃO.

PRECISAMOS OCUPAR OS ESPAÇOS DE PODER E DECISÃO!

- Como? Derrubando a velha falácia de que mulheres não gostam, não sabem, ou não querem fazer política. É urgente garantir a participação plena e efetiva das mulheres em todos os espaços de poder e decisão na vida profissional, sindical, política, econômica e pública.
- Somente ocupando esses espaços que conseguiremos adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas.
- E não há melhor hora, ou lugar, para falarmos sobre isso!

MULHERES NO SISTEMA CONFEA/CREA

- Aqui parabenizo a implementação do Programa da Mulher em todos os Creas, sobretudo pelo "Mapeamento Feminino dentro do Sistema Confea/Crea", que se refere aos anos de 2020-2021.
- Política séria e comprometida com resultado se faz com base *em dados* e a citada iniciativa já demonstra a seriedade com que o Sistema Confea/Crea busca implementar o Objetivos de Desenvolvimento Sustentável nº 5, da Agenda 2030 da ONU, que busca a igualdade de gênero de mulheres e meninas.

- De acordo com o levantamento, até o fim da primeira quinzena de dezembro de 2021, o Sistema Confea/Crea tinha 1.031.356 profissionais registrados. Desse total, 198.852 são mulheres e 832.504 são homens, o que representa 19,28% e 80,72%, respectivamente.
- Sim, quase 20% de profissionais da engenharia e agronomia são MULHERES. E são essas mulheres que devem buscar eleger ainda mais representantes no sistema para formular políticas sólidas pensadas *por* e *para* mulheres.

Essa luta das mulheres profissionais para enfrentar a realidade da discriminação a que são submetidas no cotidiano do trabalho, do sindicato e na realidade como um todo, É DE TODAS NÓS.

O imaginário social que discrimina e subordina as mulheres é compartilhado tanto por empregadores, quanto por empregados. Os espaços sindicais, em alguma medida, podem reproduzir o mesmo processo de violência - moral ou sexual -, exclusão e marginalização que as mulheres enfrentam no ambiente de trabalho.

É urgente o rompimento com essa realidade que diariamente vitima milhares de nós: por nós, pelas nossas e pelas que ainda virão.

